

*romance espírita*

# CINCO MINUTOS



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitanes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livreria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 9 9983-2575 📞 | Claro (19) 9 9317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

ISABEL SCOQUI

*romance espírita*

# CINCO MINUTOS

CAPIVARI-SP  
– 2019 –

© 2019 Isabel Scoqui

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição - abril/2019 - 3.000 exemplares

CAPA | André Stenico

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Marco Melo

REVISÃO | Daniel Rodrigues de Camargo

Ficha catalográfica

Scoqui, Isabel, 1954

Cinco minutos / Isabel Scoqui

1ª ed. abr. 2019 - Capivari, SP: Editora EME.

160 p.

ISBN 978-85-9544-097-5

1. Romance espírita. 2. Lei de ação e reação. 3. Atendimento no centro espírita. 4. Reencarnação.

I. TÍTULO.

CDD 133.9

# SUMÁRIO

	Recado ao leitor.....	7
PARTE I		
I.	Menina quase moça.....	11
II.	Casa de madame vivi.....	17
III.	Sem Nome.....	21
IV.	Em fuga.....	25
V.	Vingança.....	29
VI.	Emboscada.....	33
VII.	Vida nova, velha vida.....	37
VIII.	A volta de Sem Nome.....	43
IX.	Decepção amorosa.....	47
X.	Um novo amor.....	51
XI.	Em caráter de urgência.....	55
	Tabela das reencarnações.....	60
PARTE II – MUITOS ANOS DEPOIS		
XII.	Despertar surpreendente.....	63
XIII.	Região tenebrosa.....	67
XIV.	Refletindo sobre a vida.....	71
XV.	Evangelho no Lar.....	77

XVI.	O golpe.....	81
XVII.	Consequências danosas.....	85
XVIII.	Débito, crédito e honra.....	87
XIX.	Tempos de adolescência.....	91
XX.	Confusão e paixão.....	95
XXI.	Cinco minutos que mudaram uma vida.....	99
XXII.	Visita inesperada.....	105
XXIII.	Devotamento.....	109
XXIV.	Encontro inevitável.....	113

### PARTE III – LIGANDO OS FIOS DA MEADA

XXV.	Tino comercial e justiça.....	119
XXVI.	Aparando as arestas.....	123
XXVII.	Conectando pessoas.....	127
XXVIII.	Ainda sem respostas.....	131
XXIX.	Reunião de família.....	135
XXX.	Perseguição acirrada.....	139
XXXI.	Novos planos.....	143
XXXII.	Atração irresistível.....	147
XXXIII.	Diálogo e esclarecimento.....	151
XXXIV.	Ontem carvão, hoje diamantes.....	155

## RECADO AO LEITOR



CERTA VEZ, RELENDO O meu primeiro livro, *A cada conto um ponto*, fui inspirada a ampliar algumas histórias, por haver ali material a ser melhor explorado, então me propus a fazer esse trabalho, transformando contos em romances.

Este romance originou-se do conto denominado "Cinco minutos". Narra as dificuldades e resistências com que enfrentamos os embates da vida. Frequentemente, esquecemos que tudo o que nos acontece tem uma razão de ser, que somos regidos pela lei de causa e efeito e que, se não demos causa a um fato inabitual nesta encarnação, com certeza o fizemos em encarnações anteriores. Quando os acontecimentos alteram as nossas expectativas ou nossos planos, reclamamos e ficamos revoltados, mas não devemos agir assim porque o acaso não existe. E, se não existe acaso, há sempre uma causa agindo deliberadamente

para nos desviar, retardar, ou nos dar sustentação em certas circunstâncias pelas quais precisamos ou não passar.

Sabemos que, antes de encarnarmos em um novo corpo, aceitamos provas difíceis como a deficiência, a pobreza, relacionamento com desafetos e outros problemas de variadas nuances. Entretanto, uma vez imersos no véu do esquecimento, é muito custoso arcar com nossos impedimentos, frustrações, enfermidades, o que nos impele a viver num enorme grau de frustração, deixando a desejar na avaliação de como enfrentamos nossas provas.

Não nos esqueçamos, também, que vivemos num planeta ainda muito inferior, de expiações e provas e, que se viemos viver aqui, estamos de algum modo vinculados e sujeitos a essa inferioridade. Lembremos que tudo tem a sua razão de ser. Se uma causa pudesse acontecer acidentalmente, isso fugiria ao controle Universal da Lei de Deus. No entanto isso não é possível, uma vez que tudo só acontece com a permissão do Pai, pois Ele é onisciente (sabe tudo).

Neste livro, vamos encontrar as causas que levaram os personagens a vivenciar determinados acontecimentos, revelando delitos cometidos em encarnações anteriores, passíveis de reajuste num futuro próximo. Verificaremos também a presença da espiritualidade, acompanhando e interagindo com os fatos da vida, auxiliando nos momentos de provação, para que o trabalho regenerador possa ter êxito.

Os personagens são pessoas falíveis, como todos nós, moldando-se nas forjas do tempo e da experiência



e, como diria o instrutor Souza Mattos, “ontem eram só carvão, hoje transformam-se em diamantes”.

Então, espero que a leitura seja útil e agradável e que, além de entretenimento, você se encontre com os nobres ensinamentos da doutrina espírita.



## MENINA QUASE MOÇA



HOUVE UM TEMPO EM que as palavras saídas da boca de um homem poderoso tinham a força de lei. Os mais fortes ditavam e os mais fracos obedeciam sem contestar, sem ter a quem recorrer. Esses fatos se passaram naqueles dias.

Dona Mariana lavava roupa na tina quando escutou o tropel dos cavalos ao longe. Transida de medo, foi logo trancar as crianças no quarto. Era a tropa do coronel Serapião que chegava. As crianças tremiam de susto, pois tinham ouvido dizer que ele era um homem muito violento. Rosina, que era a maiorzinha, entendia melhor a situação. Não que os adultos contassem. Mas ela juntava um pedaço de prosa aqui, outro acolá. Enfim, sabia que seu pai devia para o coronel. E certamente, o homem vinha cobrá-lo. Sabia também que seu pai não tinha meios de honrar o compromisso. Então, chorava e pensava no pior.

Não demorou, os peões desmontaram e um homem subiu os degraus da varanda, batendo os pés. Era moreno claro, forte, estatura mediana. Tinha a testa franzida e uma frieza incomparável nos lábios finos e nos olhos claros. Levava na mão o temido chicote. Esse homem era o coronel Serapião.

Realmente, viera fazer a cobrança, o que fazia aos berros. Do quarto, só se ouvia sua voz.

- Como? - gritava. - Já lhe dei seis meses de prazo. Não consegui levantar nenhum dinheiro nesse tempo todo? O que fez com os bezerros que te vendi a preço de banana?

Sebastião, o dono da casa, respondia timidamente e, de lá, não dava para entender o que dizia.

- Meu gado não tem essa febre, como é que o seu teve? Morreram assim? Não acredito! Está querendo me enganar? Não! Ninguém me engana!

Sebastião se retratava baixinho e lá vinha outro palavrório:

- Hoje vim buscar o que é meu e vou levar. Quero algo de valor. Você conhece os meus costumes... Se não paga de um jeito, paga de outro...

O dono da casa falou mais alguma coisa e um silêncio profundo se seguiu.

As crianças tinham os rostos colados na porta, na tentativa de ouvir melhor. Ficaram ainda mais na expectativa depois que tudo se aquietou.

Dona Mariana adentrou o quarto. Tinha os olhos vermelhos de chorar. E chamou Rosina.

- O que foi, mãe? - perguntou a menina, querendo entender.

Mas a mãe fez sinal para que ela se calasse, levando o dedo indicador aos lábios. Pegou a filha pelo braço e dirigiu-se à varanda.

Rosina experimentou, pela primeira vez, o olhar ardente de Serapião. Aos doze anos, entrava na adolescência. Magrinha, alta, de pernas finas, começava a apresentar as primeiras mudanças corporais.

O coronel acercou-se dela. Mandou que abrisse a boca e lhe examinou os dentes, passou-lhe a mão nos cabelos. Depois de analisá-la lentamente, declarou que iria ficar com ela. Sem demora, chamou um peão e deu a ordem:

- Arranje alguém pra levar a cabrita na garupa. Quero chegar em Serra dos Milagres antes do anoitecer.

Dona Mariana apareceu na porta com uma trouxa nas mãos. Acercou-se de Rosina e cochichou-lhe ao pé do ouvido:

- Pegue aqui os seus pertences, a cabrita é você, ele vai levá-la...

A menina tentou uma reação, mas dona Mariana tapou-lhe a boca e sussurrou:

- É só por dois ou três anos, depois ele enjoa e você fica livre.

Apesar da falta de recursos e educação, Rosina tinha o raciocínio rápido. Logo entendeu que fora dada como pagamento da dívida e que iria embora para longe dos familiares. Pediu bênção aos pais, abraçou os irmãos e se

dispôs a partir. Ia esperançosa, na sua inocência, pensava que ia trabalhar na fazenda do coronel.

Apertada na sela, foi grudada nas costas suadas de um peão. Ia sonhando. Não se importava em trabalhar, isso já fazia em sua casa desde pequena. Experimentava um misto de tristeza e esperança. Triste por deixar a família, mas esperava uma vida diferente. Pensava que, na casa grande, poderia comer do bom e do melhor. Dormir num quarto com móveis bonitos, com um espelho bem grande e numa cama só dela...

Entardecia quando chegaram. Viu a sede da fazenda ao longe. Serapião mandou que a instalassem numa casinha de dois cômodos, distante da colônia. A mocinha logo se desiludiu, e chegou à conclusão de que a vida é muito diferente dos sonhos.

Durante o dia trabalhava na roça com os outros empregados. Por ser considerada a protegida do coronel, as mulheres olhavam-na com desprezo e os homens não ousavam encará-la. A solidão calava ainda mais à noite, quando ficava trancada na casinha, que alguns peões debochados chamavam “matadouro”. A menina tinha muito medo de ficar ali, isolada. A única visita, que recebia, era o coronel, que vinha pela madrugada, para alimentar seu voraz apetite sexual, por isso, mal conseguia dormir.

Rosina detestava tudo aquilo. A princípio, gritava com todas as suas forças e tentava reagir, mas o homem era muito forte e a subjugava. Com o passar do tempo, ela foi conhecendo melhor o seu perseguidor. Se não podia der-

rotá-lo, resolveu tirar alguma vantagem daquela relação. Deixou de oferecer resistência e esmerou-se em fazer-lhe as vontades. Ao percebê-la mais dócil, ele passou a tratá-la melhor. Liberou-a dos pesados labores da roça e, às vezes, vinha visitá-la durante o dia. Parecia enamorado.

Os ares apaixonados do coronel não passaram despercebidos aos olhos de dona Veridiana, sua esposa. Ela sabia da existência das meninas, que sempre habitaram o “matadouro”. Até então, aguentara calada, para não bater de frente com as arbitrariedades do marido. Mas, desta vez, ele passara dos limites. Não podia relevar mais, por isso resolveu enfrentá-lo.

Naquela tarde, assim que ele chegou em casa, a empregada o informou que dona Veridiana o esperava no escritório. O coronel estranhou. Naquele horário, ou a esposa dedilhava o piano ou ostentava o bastidor onde bordava iniciais em pontos de cruz. No escritório, encontrou-a sentada em sua cadeira, justo no lugar aonde ele tomava suas decisões e geria seus negócios.

Antes que o senhor da casa dissesse algo, dona Veridiana o encarou. Sabia que, se comesçasse com rodeios, perderia aquela batalha. Mas premeditara, sabia exatamente o que falar, então disse simplesmente:

– Mande a mocinha embora. Não há lugar para nós duas nesta fazenda. Soube que fez quinze anos, chegou a hora de mandá-la para o lugar aonde foram todas as outras.

Serapião foi pego de surpresa. Jamais poderia imaginar que sua esposa ousasse aquele tipo de atitude. Sentada em seu lugar, desafiava-lhe a autoridade, impu-

nha-lhe condições. Desprevenido, as palavras fugiram-lhe da boca. Uma palidez mortal o paralisou. Seu gênio violento impelia-o a fazê-la calar ou clamar por clemência, ajoelhada aos seus pés. Porém, seu lado racional dizia para se controlar, não devia contrariar a esposa. Ainda que contra a sua vontade, o casamento precisava ser mantido. Tinha planos na política e não podia dar motivos de falatório à oposição. Além disso, seu sogro, Souza Mattos, era pessoa de confiança do Imperador e não podia abrir mão desse trunfo político por uma questão menos importante.

Era a primeira vez que alguém enfrentava o coronel sem que ele reagisse com violência. Sem dizer um A, ele simplesmente virou de costas e saiu.



## CASA DE MADAME VIVI



UM PEÃO BATEU NA porta da casinha. Rosina estranhou. Atendendo prontamente, o moço informou que fora buscá-la para um passeio. Como fizesse anos que não saía, um misto de curiosidade, insegurança e excitação tomaram conta dela. Queria saber para onde, por que, etc e tal. No entanto, por mais que indagasse, o homem não lhe deu atenção. Só se limitou a dizer:

- Senta aí na garupa sem demora. O coronel espera vosmecê na porteira. E sabe que ele num gosta de esperar...

Lá longe, dava para vislumbrar o coronel, já montado no cavalo. A moça suspirou de alívio. Na companhia do coronel se sentia mais protegida...

Anoitecia quando chegaram no arraial. Passaram ao largo das casinhas enfileiradas e prosseguiram mais uma légua. Percorrido esse trajeto, puderam, ao longe, ver o casarão.

Chegando mais perto, Rosina ficou estupefata. Nunca vira uma casa como aquela. A escada acabava entre dois pilares ricamente adornados. A varanda era cercada por madeira trabalhada, num conjunto de arabescos de encher os olhos. Imponente, o casarão cor-de-rosa ostentava grandes janelas brancas e portas escancaradas, que pareciam convidar quem quer que por ali passasse.

Serapião ordenou que esperassem ali fora. Entrou e logo voltou acompanhado por uma mulher de meia-idade. Vinham conversando como velhos conhecidos. A mulher estendeu a mão cheia de anéis e cumprimentou Rosina:

- Bem-vinda ao novo lar, cherry. Meu nome é Vincenza, mas gosto que me chame madame Vivi.

Rosina estava desconcertada. Era a primeira vez que via uma mulher de meia-idade usando vestido tão decotado e maquiagem exuberante. Não sabia o que dizer, então simplesmente sorriu.

- Belos dentes tem a sua pequena - elogiou a mulher.  
- Vou tratar dela como se fosse uma rainha!

O coronel não queria saber de mais conversa naquele dia. Estava contrariado, então simplesmente fez um gesto afirmativo, montou o cavalo e partiu.

Vivi tomou a moça pelo braço e a conduziu ao casarão. E falava sem parar:

- Rosina não, esse nome não tem glamour. Vou chamá-la Rosa, que é sempre bonita e cheirosa...

"Você deve saber, esta é uma casa de mulheres. Aqui, comemos e bebemos bem..."

“Não se preocupe se muitos homens frequentam a casa, ninguém vai incomodá-la. O coronel mandou que reservasse um quarto só para você... e para ele, quando puder visitá-la.

“Você não precisa trabalhar como as outras, só manter o seu quarto limpo e arrumado. Use o seu tempo para se manter sempre bonita, menina!

“Vamos trocar essa roupa, que na minha casa ninguém anda malvestida! Cuide-se porque a juventude passa... Não vê a velha madame? Já fui linda e cobiçada por muita gente importante... Veja como vivo no luxo...”

Rosina recebeu roupas novas, chinelinhas luxuosas, maquiagem e muitos frascos de perfume. Madame Vivi ensinou-a como se comportar perante visitas ilustres, como tratar os cabelos, pele e unhas. Depois de algum tempo, quem não soubesse da origem da moça pensaria que ela já nascera altiva e cheia de etiquetas. O coronel ficou entusiasmado com a mudança e compensou ricamente a dona da casa.

Rosina logo se habituou à vida do prostíbulo. O tempo passara e ela já contava com quase vinte anos. Sabia que aquela vida não ia durar para sempre, então resolveu fazer “um pé de meia”. Já que Serapião espaçara as visitas, resolveu atender a outros clientes. Chamou madame Vivi a um acordo: dar-lhe-ia quarenta por cento do que arrecadasse e o resto seria por sua conta e risco. Se houvesse algum problema, assumiria sozinha, como se a madame de nada soubesse.

A cafetina era uma mulher ambiciosa e acabou não

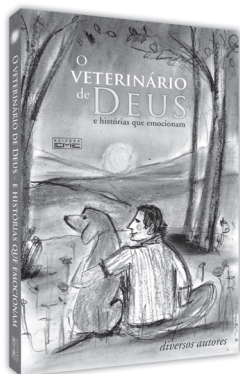
resistindo ao novo trato. A jovem era bonita e sabia que muitos frequentadores a cobiçavam secretamente. A maioria conhecia a fama de Serapião e não ousava erguer os olhos para ela. Mas havia aqueles que gostavam de arriscar... Por outro lado, Serapião andava meio sumido e eram grandes suas despesas com a moça...

Rosina tinha traçado seus planos. Em quatro anos, teria amealhado um bom capital, então fugiria dali para bem longe...

Dois anos se passaram sem novidades, mas certo dia aconteceu o pior. Serapião veio sem avisar e flagrou a concubina nos braços de outro. O homem cuspiu fogo. Quando ficava irado, nada o segurava. Destruiu o quarto todo, espancou gravemente o jovem ali surpreendido e levou Rosina, aos trancos, de volta à fazenda.

A casinha estava desabitada há muito tempo. Cheirava a bolor. Teias de aranha se estendiam por todo lado e havia muita poeira. Era ali, que ela, por castigo, voltaria a habitar. Para que não fugisse, determinou que seu fiel capanga, um homem conhecido por Sem Nome, a vigiasse dia e noite.

# VOCÊ PRECISA CONHECER



## O veterinário de Deus

Diversos autores

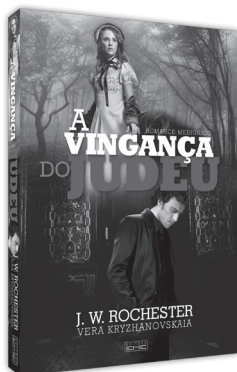
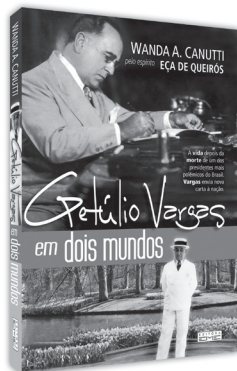
Contos • 14x21 cm • 152 pp.

Reunindo alguns de seus maiores autores – Donizete Pinheiro, Ricardo Orestes Forni, Zélia Carneiro Baruffi, Lúcia Cominato, Rubens Toledo, Dauny Fritsch e Isabel Scoqui – a **Editora EME** resgata o gênero literário que mais atrai leitores no mundo inteiro, de todas as idades: os contos.

## Getúlio Vargas em dois mundos

Wanda A. Canutti • Eça de Queirós (espírito)  
Romance mediúnic • 16x22,5 cm • 344 pp.

Getúlio Vargas realmente suicidou-se? Como foi sua recepção no mundo espiritual? Qual o conteúdo da nova carta à nação, escrita após sua desencarnação? Saiba as respostas para estas e outras perguntas, agora em uma nova edição, com nova capa, novo formato e novo projeto gráfico.



## A vingança do judeu

Vera Kryzhanovskaia • J. W. Rochester (espírito)  
Romance mediúnic • 16x22,5 cm • 424 pp.

O clássico romance de Rochester agora pela EME, com nova tradução, retrata em cativante história de amor e ódio, os terríveis fatos causados pelos preconceitos de raça, classe social e fortuna e mostra ao leitor a influência benéfica exercida pelo espiritismo sobre a sociedade.

Não encontrando os livros da EME na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você através de

Fones: (19) 3491-7000 / 3491-5449

(claro) 9 9317-2800 (vivo) 9 9983-2575 ☎

E-mail: vendas@editoraeme.com.br – Site: www.editoraeme.com.br